

CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A EDUCAÇÃO: O SENTIDO DA VIDA NO PROCESSO FORMATIVO DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

CONTRIBUTIONS OF LOGOTHERAPY AND EXISTENTIAL ANALYSIS TO EDUCATION: THE MEANING OF LIFE IN THE FORMATIVE PROCESS OF CHILDREN IN THE SCHOOLING PROCESS

APORTES DE LA LOGOTERAPIA Y EL ANÁLISIS EXISTENCIAL A LA EDUCACIÓN: EL SENTIDO DE LA VIDA EN EL PROCESO FORMATIVO DE LOS NIÑOS EN EL PROCESO ESCOLAR

 Irinaldo Caetano Marques

 Tatiana Cristina Vasconcelos

 Janaína Pereira Soares

1. Mestre em Educação Inclusiva. Universidade Estadual da Paraíba- PROFEI-UEPB. E-mail: psi.irinaldomarques@outlook.com, irinaldomarques@fiponline.edu.br
2. Doutora em Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br
3. Graduada em Pedagogia (UNIFIP). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (UNIFIP). Email: janainapsoures32@gmail.com.

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar as contribuições de Viktor Frankl para a educação, com foco no sentido da vida no processo formativo de crianças em escolarização. Fundamenta-se nos conceitos de vontade de sentido, liberdade responsável, autotranscendência, noodinâmica e valores humanos, compreendendo o educando em suas dimensões biológica, psíquica e espiritual. Os principais resultados indicam que a atribuição de sentido às experiências escolares favorece a motivação intrínseca, o engajamento, a saúde mental e a formação integral, superando práticas pedagógicas tecnicistas e instrumentais. Evidencia-se que a Logoterapia e Análise Existencial oferecem bases teóricas para uma educação humanizadora, orientada por valores e responsabilidade ética. Conclui-se que educar com sentido fortalece a formação de sujeitos conscientes, responsáveis e comprometidos com a própria vida e com a vida coletiva.

Keywords: Logoterapia e Análise Existencial; Educação com sentido; Formação integral.

ABSTRACT: This article aims to analyze the contributions of Viktor Frankl's to education, focusing on the meaning of life in the formative process of children in school. It is based on the concepts of will to meaning, responsible freedom, self-transcendence, noodynamics, and human values, understanding the learner in their biological, psychic, and spiritual dimensions. The main results indicate that attributing meaning to school experiences fosters intrinsic motivation, engagement, mental health, and holistic development, overcoming technocratic and instrumental pedagogical practices. It is evident that Logotherapy and Existential Analysis offers theoretical foundations for a humanizing education, guided by values and ethical responsibility. It concludes that educating with meaning strengthens the formation of conscious, responsible individuals committed to their own lives and to collective life.

Palavras-chave: Logotherapy and Existential Analysis; Meaningful Education; Holistic Development.

RESUMEN: Este artículo analiza las contribuciones de Viktor Frankl a la educación, centrándose en el sentido de la vida en el proceso formativo de los niños en la escuela. Se basa en los conceptos de voluntad de sentido, libertad responsable, autotranscendencia, noodinámica y valores humanos, comprendiendo al aprendiz en sus dimensiones biológica, psíquica y espiritual. Los principales resultados indican que atribuir sentido a las experiencias escolares fomenta la motivación intrínseca, el compromiso, la salud mental y el desarrollo holístico, superando las prácticas pedagógicas tecnocráticas e instrumentales. Es evidente que la logoterapia y el Análisis Existencial ofrecen fundamentos teóricos para una educación humanizadora, guiada por valores y responsabilidad ética. Se concluye que educar con sentido fortalece la formación de individuos conscientes, responsables y comprometidos con su propia vida y con la vida colectiva.

Palabras-clave: Logoterapia y Análisis Existencial; Educación con sentido; Desarrollo Holístico.

Recebido em: 09/02/2026

Aprovado em: 06/03/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

A educação contemporânea enfrenta desafios que ultrapassam a dimensão estritamente cognitiva e didático-pedagógica, alcançando aspectos existenciais que impactam diretamente o desenvolvimento integral de crianças em processo de escolarização. O crescimento de indicadores como desmotivação, evasão escolar, sofrimento psíquico e adoecimento emocional, tanto entre estudantes quanto entre professores, evidencia a urgência de repensar o papel da escola para além da mera transmissão de conteúdos formais. Nesse cenário, a questão do sentido da vida emerge como eixo central para a compreensão das relações entre aprendizagem, motivação, saúde mental e formação humana desde a infância.

Apesar dos avanços técnicos e científicos no campo educacional, observa-se que muitas crianças vivenciam a experiência escolar de forma fragmentada e desprovida de sentido, percebendo o aprender como uma exigência externa, dissociada de sua realidade, de suas vivências e de seus projetos de vida em construção. Tal contexto suscita uma problemática fundamental: como promover uma educação que, além de ensinar conteúdos, contribua para o desenvolvimento do sentido da vida, da responsabilidade e do compromisso ético-existencial desde os primeiros anos de escolarização? Essa questão torna-se ainda mais relevante em uma sociedade marcada pelo consumismo, pela competitividade precoce e pela valorização do êxito econômico, frequentemente em detrimento dos valores humanos, relacionais e éticos.

Diante desse contexto, a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), abordagem psicológica e concepção antropológica, desenvolvidas por Viktor Frankl (1905-1997), apresentam-se como um referencial teórico fecundo para a reflexão educacional, ao compreender o ser humano como um ser orientado primordialmente pela vontade de sentido. Ao reconhecer a pessoa em suas dimensões biológica, psíquica e espiritual, a LAE oferece uma compreensão ampliada do processo formativo, destacando a liberdade, a responsabilidade e a autotranscendência como fundamentos da saúde mental e da construção de uma existência com sentidos. Nessa perspectiva, o processo educativo passa a ser compreendido como espaço privilegiado de formação da consciência, no qual a criança é reconhecida não apenas pelo que já é, mas também pelo que pode vir a ser.

A justificativa deste estudo reside, portanto, na necessidade de aprofundar o diálogo entre a LAE e a Educação, especialmente no que se refere ao processo formativo de crianças em escolarização. Ao integrar a dimensão do sentido da vida ao cotidiano escolar, amplia-se a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas mais humanizadoras, capazes de favorecer o engajamento, a motivação intrínseca e a construção de valores desde a infância. Além disso, tal abordagem e visão de pessoa, contribuem para a prevenção do vazio existencial, para o fortalecimento da saúde mental e para a formação de sujeitos mais conscientes, responsáveis e comprometidos com a própria vida e com a vida coletiva.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl para a educação, com foco no papel do sentido da vida no processo formativo de crianças em processo de escolarização, discutindo suas implicações para a motivação, a formação integral e a construção de práticas educativas orientadas pela responsabilidade, pelos valores humanos e pela autotranscendência. Ao fazê-lo, busca-se reafirmar a educação como espaço de humanização e de cuidado com a existência, desde os primeiros anos da trajetória escolar.

Metodologicamente, o artigo caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, fundamentado em pesquisa bibliográfica. A construção do texto apoiou-se na análise e interpretação de obras clássicas e contemporâneas da LAE de Viktor Frankl (2010; 2011), bem como em produções acadêmicas do campo educacional que dialogam com a temática do sentido da vida, da formação integral e da educação humanizadora (Lukas, 1987; Miguez, 2019; Santos; Santos, 2024). O percurso metodológico consistiu na seleção, leitura crítica e articulação de referenciais teóricos, permitindo a problematização da crise de sentido no contexto escolar e a discussão das contribuições da LAE para o processo formativo de crianças em escolarização. A análise desenvolveu-se de forma interpretativa e argumentativa, buscando estabelecer nexos conceituais entre a Logoterapia, Análise Existencial e a educação, sem a pretensão de generalizações empíricas, mas com o objetivo de oferecer subsídios teóricos para a reflexão e para o aprimoramento das práticas pedagógicas orientadas pelo sentido.

O texto organiza-se de modo a conduzir o leitor por um percurso teórico-reflexivo articulado e progressivo. Além desta introdução, abordamos sobre os fundamentos da LAE de Viktor Frankl, apresentando conceitos centrais como vontade de sentido, liberdade responsável, ontologia dimensional, valores e vazio existencial, em articulação com o campo educacional. Na sequência, a seção de resultados e discussões sistematiza e analisa as principais contribuições da LAE para a educação, por meio de um quadro síntese e de sua discussão interpretativa. Por fim, as considerações finais retomam os objetivos do artigo, destacam os principais achados e apontam implicações para a formação educacional e para futuras pesquisas.

Viktor Frankl e Educação: contribuições para o sentido da vida

A temática do sentido da vida constitui um campo de investigação que atravessa diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Psicologia e a Educação. Na contemporaneidade, esse debate ganha especial relevância diante das crises sociais, existenciais e educacionais que impactam diretamente a saúde mental de estudantes e professores. Nesse contexto, a LAE, desenvolvidas por Viktor Emil Frankl,

apresenta importantes contribuições para a compreensão do ser humano e para a construção de práticas educativas orientadas por valores e sentido (Aquino, 2020; Moco; Silva; Campos, 2023).

A Logoterapia e a Análise Existencial constituem um mesmo referencial teórico, porém com focos distintos e complementares. A Logoterapia configura-se como a vertente psicoterapêutica propriamente dita, voltada à intervenção clínica e educacional, tendo como eixo central a vontade de sentido e a busca por sentidos concretos diante das situações da vida, inclusive do sofrimento. Já a Análise Existencial corresponde ao fundamento antropológico-filosófico dessa abordagem, dedicando-se à compreensão do ser humano em sua totalidade corpóreo-psíquico-espiritual, investigando as condições da existência, como liberdade, responsabilidade, consciência e autotranscendência. Assim, enquanto a Análise Existencial oferece a base conceitual para compreender quem é o ser humano, a Logoterapia operacionaliza essa compreensão em práticas de cuidado, orientação e formação, sem reduzi-lo a determinismos biopsicossociais (Frankl, 2011).

Viktor Frankl (1905-1997), médico psiquiatra austríaco de origem judaica, desenvolveu sua teoria a partir de experiências pessoais, acadêmicas e, sobretudo, existenciais. Desde cedo, demonstrou interesse por questões relacionadas à finitude, à existência humana e ao sentido da vida. Sua trajetória foi profundamente marcada pelas vivências nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, experiência que se tornou central para a consolidação de sua abordagem psicológica (Santos e Santos, 2024). Essas experiências não apenas marcaram sua biografia, mas constituíram o solo empírico e existencial a partir do qual consolidou sua compreensão do ser humano como um ser orientado pelo sentido. Na obra *Em busca de sentido*, Frankl afirma que “o homem pode conservar um resquício de liberdade espiritual, de independência de pensamento, mesmo em condições tão terríveis de tensão psíquica e física” (Frankl, 2011, p. 86), indicando que nem mesmo o sofrimento extremo é capaz de anular completamente a dignidade e a liberdade interiores da pessoa.

A partir dessa vivência, Frankl consolidou uma antropologia que rompe com visões reducionistas do humano, sustentando que o ser humano não se define apenas por condicionamentos biológicos ou psíquicos, mas pela capacidade de assumir uma atitude diante das circunstâncias. Em uma de suas passagens mais conhecidas, o autor afirma: “Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância” (Frankl, 2011, p. 75). Essa afirmação sintetiza sua contribuição central ao pensamento psicológico e filosófico contemporâneo: a defesa da liberdade e da responsabilidade como núcleos da existência humana, mesmo em contextos de sofrimento inevitável.

Frankl também formula de modo claro sua crítica às teorias motivacionais dominantes de sua época, ao sustentar que “a busca de um sentido para a vida é a principal força motivadora do ser humano” (Frankl, 2011, p. 99). Para ele, o sofrimento torna-se insuportável não pela dor em si, mas pela ausência de sentido

atribuída a ela. Nesse sentido, afirma que “quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como” (Frankl, 2011, p. 104), retomando Nietzsche para enfatizar que o sentido atua como força estruturante da resistência humana diante da adversidade.

A contribuição de Frankl ultrapassa o campo clínico ao oferecer uma compreensão ética e existencial da vida humana (Aquino *et al.*, 2015). Ao afirmar que “a vida nunca deixa de ter sentido, mesmo no sofrimento e na morte” (Frankl, 2011, p. 121), o autor desloca o debate psicológico para o campo da responsabilidade existencial, sustentando que cada situação da vida interpela o sujeito a uma resposta singular. Essa concepção tem profundas implicações para a educação, pois compreende o ser humano como um ser em formação permanente, chamado a descobrir sentidos e a posicionar-se eticamente diante da realidade.

Assim, Viktor Frankl legou à psicologia, à filosofia e à educação uma concepção de ser humano fundada na dignidade, na liberdade e na responsabilidade. Sua obra *Em busca de sentido* permanece atual justamente por afirmar, em contextos de desumanização e crise, que a existência humana não se reduz ao sofrimento, mas se define pela capacidade de enxergar sentido na vida, mesmo nas circunstâncias mais adversas, constituindo-se como referência incontornável para pensar a formação humana em chave ética, existencial e educativa.

Diferentemente das teorias psicológicas clássicas que enfatizaram determinismos pulsionais ou sociais, Viktor Frankl desenvolveu uma compreensão antropológica do ser humano fundada na liberdade, na responsabilidade e na orientação para o sentido. Em contraposição à psicanálise freudiana, centrada na busca do prazer, e à psicologia individual de Adler, que enfatiza a vontade de poder, Frankl afirma de modo categórico que “a busca de um sentido para a vida é a principal força motivadora do ser humano” (Frankl, 2011, p. 99). Essa afirmação não se limita a uma hipótese teórica, mas expressa uma convicção existencial amadurecida a partir de sua experiência nos campos de concentração, onde observou que a sobrevivência psíquica estava diretamente relacionada à capacidade de encontrar e viver sentidos na própria existência. Nessa perspectiva, Frankl sustenta que “o homem não vive apenas para satisfazer impulsos ou para afirmar poder, mas para encontrar um sentido que valha a pena realizar” (Frankl, 2010, p. 62).

É a partir dessa compreensão que Frankl desenvolve, simultaneamente, uma abordagem antropológica sobre o ser humano e uma proposta psicoterapêutica. No plano antropológico, consolida a Análise Existencial, que se dedica a compreender a estrutura da existência humana, reconhecendo o ser humano como um ser bio-psico-espiritual, capaz de autodistanciamento e autotranscendência. Frankl (2010, p. 47) explicita que “o ser humano não é livre de condicionamentos, mas é livre para tomar posição diante deles”, o que fundamenta sua concepção de pessoa como sujeito ético, chamado a responder às interpelações da vida. No plano clínico, essa antropologia se concretiza na Logoterapia, definida pelo

próprio autor como uma psicoterapia orientada para o sentido, cujo objetivo é auxiliar o indivíduo a descobrir possibilidades de sentidos mesmo em situações de sofrimento inevitável.

Nesse horizonte, Frankl (2011, p. 81) afirma que “não é ao homem que se deve perguntar pelo sentido da vida, mas é a vida que pergunta ao homem”, deslocando a centralidade da intervenção terapêutica e, por extensão, educativa, para a responsabilidade existencial do sujeito. Assim, LAE não se configuram como propostas dissociadas, mas como níveis distintos de uma mesma concepção antropológica, pois como já explicitado, enquanto a Análise Existencial oferece os fundamentos teóricos sobre o que é o ser humano, a Logoterapia opera como aplicação psicoterapêutica dessa visão, reafirmando que “a vida conserva seu sentido em todas as circunstâncias, mesmo as mais dolorosas” (Frankl, 2011, p. 121). Essa compreensão constitui uma contribuição decisiva de Frankl para a psicologia, a educação e as ciências humanas, ao recolocar no centro da formação humana a pergunta pelo sentido da existência.

Um dos conceitos centrais da LAE é o de responsabilidade. Para Frankl (2011), a liberdade humana não é absoluta, mas está sempre vinculada à responsabilidade pelas próprias escolhas. Nesse sentido, a vida interroga o sujeito constantemente, e este é chamado a responder por meio de ações concretas, atitudes e posicionamentos éticos. A existência, portanto, não é algo dado, mas algo que se constrói a partir das decisões tomadas diante das situações vividas.

Outro elemento fundamental da teoria frankliana é o conceito de vazio existencial, caracterizado pela sensação de falta de sentido, tédio e desorientação, fenômeno típico das sociedades contemporâneas. Segundo Frankl (2010), esse vazio pode levar a quadros de sofrimento psíquico, como depressão, ansiedade e dependências, quando o indivíduo não consegue identificar valores que deem sentido à sua vida. A Análise Existencial, nesse contexto, não busca apenas eliminar sintomas, mas auxiliar o sujeito a reencontrar um sentido possível, mesmo em situações de dor, limite ou perda.

Frankl (2011) também distingue três categorias de valores por meio das quais o ser humano pode realizar sentido: os valores de criação (aquilo que o indivíduo produz ou realiza), os valores de vivência (aquilo que experimenta, como o amor, a arte e a natureza) e os valores de atitude (a postura assumida diante do sofrimento inevitável). Essa última categoria é considerada a mais elevada, pois expressa a capacidade humana de transformar o sofrimento em realização existencial.

Dessa forma, a LAE de Viktor Frankl propõem uma compreensão do homem como ser livre, responsável e orientado para o sentido, superando visões reducionistas da psicologia. Trata-se de uma abordagem que integra ciência e filosofia, oferecendo fundamentos teóricos sólidos para a compreensão do sofrimento humano e para a promoção de uma existência mais autêntica, ética e com sentido (Silva, 2017).

A malha teórica de Frankl fundamenta-se em uma concepção antropológica tridimensional do ser humano, segundo a qual a pessoa é compreendida como uma unidade indissociável das dimensões

biológica, psíquica e espiritual (ou noética). Essa compreensão rompe com modelos reducionistas que explicam o humano exclusivamente por determinismos orgânicos ou psicológicos e afirma que, embora o ser humano esteja condicionado por fatores biológicos, históricos e sociais, ele não está totalmente determinado por eles. Para Viktor Frankl, é precisamente na dimensão espiritual que reside a possibilidade de liberdade, responsabilidade e autotranscendência, elementos constitutivos da existência humana.

A dimensão biológica refere-se aos aspectos corporais, genéticos e fisiológicos do ser humano, nos quais se manifestam limites, fragilidades e condicionamentos próprios da corporeidade. Já a dimensão psíquica abrange os processos emocionais, afetivos e cognitivos, igualmente marcados por condicionamentos, traumas e influências do meio. Frankl reconhece plenamente essas determinações, mas adverte que reduzir o ser humano a elas significa negar sua especificidade enquanto pessoa. Em *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*, o autor afirma que “o homem não é apenas um ser impulsionado por mecanismos psicofísicos, mas um ser que se posiciona frente a esses mecanismos” (Frankl, 2010, p. 43).

É na dimensão espiritual ou noética que o ser humano se revela como sujeito livre e responsável. Essa dimensão não se confunde com religiosidade institucional, mas designa aquilo que há de especificamente humano: a capacidade de refletir sobre si, de distanciar-se de seus impulsos e de transcender as circunstâncias imediatas. Frankl é categórico ao afirmar que “entre o estímulo e a resposta existe um espaço. Nesse espaço está nossa liberdade e nosso poder de escolher a resposta” (Frankl, 2011, p. 76). Essa afirmação explicita que, mesmo quando biologicamente ou psicologicamente condicionada, a pessoa conserva a possibilidade de escolher sua atitude diante do que lhe acontece.

Essa concepção conduz à compreensão do ser humano como ser-no-mundo, isto é, como alguém que existe sempre em relação com situações concretas, com os outros e com as exigências da vida. Para Frankl, existir significa responder, pois “viver significa assumir responsabilidade por encontrar a resposta correta às perguntas que a vida nos coloca” (Frankl, 2011, p. 85). Assim, o ser humano não é um ente isolado, fechado em si mesmo, mas um ser aberto ao mundo, constantemente interpelado pelas circunstâncias e chamado a posicionar-se diante delas.

Nesse sentido, mesmo nos aspectos em que o ser humano se encontra determinado – por uma doença, por uma limitação social ou por uma condição histórica – permanece aberta a possibilidade de construção de si. Frankl sintetiza essa ideia ao afirmar que “o homem é condicionado, mas não determinado; ele se determina a si mesmo” (Frankl, 2010, p. 49). Essa autodeterminação não significa ausência de limites, mas a capacidade de dar uma resposta ética e com sentido às condições dadas. É por isso que o autor insiste que “a liberdade espiritual do homem, que não lhe pode ser retirada, permite-lhe escolher sua atitude em qualquer circunstância” (Frankl, 2011, p. 75).

A noção de autotranscendência ocupa lugar central nessa antropologia. Para Frankl, o ser humano realiza-se não quando se fecha em si, mas quando se volta para algo ou alguém além de si mesmo. Ele afirma que “o homem se realiza na medida em que se esquece de si mesmo, entregando-se a uma causa ou a uma pessoa” (Frankl, 2011, p. 112). Essa orientação para além de si fundamenta tanto a Logoterapia quanto suas implicações educacionais, pois desloca o foco da adaptação para o compromisso com valores, sentido e responsabilidade.

Desse modo, a concepção tridimensional frankliana permite afirmar que o ser humano é simultaneamente um ser condicionado e um ser livre; limitado, mas responsável; situado no mundo, mas capaz de transcendê-lo pelo sentido. Mesmo nas circunstâncias mais adversas, permanece a possibilidade de vir a ser aquilo que se pode ser, não apesar das condições, mas em resposta a elas. Essa compreensão oferece uma base antropológica sólida para pensar a formação humana, a educação e o cuidado psicológico como processos orientados não apenas pela adaptação, mas pela liberdade de construção ética da própria existência (Cóser *et al.*, 2024).

Segundo Viktor Frankl (2014), o ser humano não é livre para escolher todas as circunstâncias que enfrenta ao longo da vida, mas é radicalmente livre para escolher a atitude que assume diante delas. Essa afirmação constitui um dos pilares da antropologia frankliana e expressa a compreensão de que a liberdade humana não se situa no plano da ausência de condicionamentos, mas no plano da resposta existencial. Para Frankl, mesmo quando o indivíduo se encontra submetido a limitações biológicas, psíquicas ou sociais, permanece aberta uma esfera de decisão interior, e nesta precisa atuar com liberdade e responsabilidade. Tal liberdade, entretanto, não é arbitrária nem desvinculada do mundo, mas encontra-se intrinsecamente ligada à responsabilidade, uma vez que cada escolha realizada implica consequências éticas para si, para o outro e para o mundo.

Nessa perspectiva, a existência humana é compreendida como um processo contínuo de tomada de decisões carregadas de sentido, no qual o sujeito é constantemente interpelado pelas situações da vida a posicionar-se (Dourado *et al.*, 2010). Frankl (2014) enfatiza que viver significa responder, afirmando que a vida pergunta ao homem, e o homem responde à vida ao assumir responsabilidade. Assim, a liberdade não se esgota na possibilidade de escolher, mas se concretiza na responsabilidade de responder ao apelo singular de cada situação. Mesmo o sofrimento, quando inevitável, não anula essa liberdade, pois o ser humano pode sempre decidir como se relacionar com ele, transformando-o em ocasião de crescimento, amadurecimento e dignidade.

É precisamente a partir dessa compreensão da liberdade responsável que Frankl avança para outro conceito central de sua obra: a busca pelo sentido da vida. Se a existência é resposta, então o sentido não é algo fabricado subjetivamente, mas algo a ser descoberto nas situações concretas da vida, sempre de forma

singular e irrepetível. Como destacam Filho e Lira (2022), essa busca manifesta-se por meio da realização de valores criativos, vinculados ao fazer e à contribuição que o sujeito oferece ao mundo; de valores vivenciais, relacionados ao experimentar, ao encontro, ao amor e à fruição daquilo que a vida oferece; e de valores atitudinais, que se revelam sobretudo na maneira como o indivíduo se posiciona diante do sofrimento inevitável. Desse modo, o sentido da vida não é universal nem transferível, mas emerge do encontro entre a liberdade responsável do sujeito e as exigências concretas de cada situação existencial, constituindo-se como eixo estruturante da antropologia e da proposta logoterapêutica de Viktor Frankl.

Na prática clínica e no cotidiano escolar, esse vazio torna-se visível de maneiras sutis e, ao mesmo tempo, contundentes. Ele aparece, por exemplo, em estudantes que cumprem tarefas, entregam atividades e até obtêm bons resultados, mas relatam não ver sentido no que fazem; em jovens que dizem estar “cansados da vida” sem conseguir explicar exatamente de quê; em professores que seguem rotinas exaustivas, mas sentem que perderam o vínculo com o propósito de educar. Muitas vezes, não se trata de falta de capacidade, de recursos ou de oportunidades, mas de uma desconexão entre o fazer cotidiano e um sentido que sustente esse fazer.

Esse esvaziamento também se revela em comportamentos de evasão, desinteresse, medicalização excessiva do sofrimento e busca constante por estímulos imediatos, como se o silêncio interior fosse insuportável. Nesses contextos, escuta-se com frequência frases como “não sei o que quero”, “tanto faz”, “nada muda”, que expressam não apenas confusão, mas uma dificuldade profunda de se perceber como sujeito capaz de responder à própria vida. O vazio existencial, assim, não grita; ele sussurra, infiltra-se nas rotinas e vai, pouco a pouco, enfraquecendo o vínculo do sujeito consigo mesmo e com o mundo.

Aquino e Penna (2016) destacam que esse fenômeno é particularmente recorrente entre jovens, sobretudo por se tratar de uma fase marcada por intensas transformações pessoais, sociais e identitárias. No entanto, a experiência do vazio não se restringe à juventude. Ela atravessa diferentes etapas da vida e aparece, muitas vezes, justamente em contextos que deveriam favorecer o sentido, como a escola e a universidade, quando esses espaços se tornam excessivamente normativos, produtivistas ou indiferentes às perguntas existenciais dos sujeitos que os habitam.

Dialogar sobre o vazio existencial implica, portanto, reconhecer que nem todo sofrimento precisa ser imediatamente corrigido, diagnosticado ou eliminado. Em muitos casos, ele é um sinal, um chamado silencioso para que algo seja revisto: a forma como se vive, se aprende, se trabalha, se ensina. Quando a escola ignora essas experiências ou tenta preenchê-las apenas com conteúdos, metas e desempenho, corre o risco de aprofundar o esvaziamento, ao invés de criar condições para que o sentido possa emergir.

Nesse sentido, falar do vazio existencial é também um convite ao leitor: quantas vezes seguimos fazendo sem saber mais por quê? Quantas vezes silenciemos perguntas importantes para manter o ritmo, a

produtividade ou a aparência de normalidade? Reconhecer o vazio não significa permanecer nele, mas abrir espaço para a reconstrução do sentido. É exatamente a partir dessa lacuna, desse intervalo entre o que se vive e o que faz sentido viver, que se torna possível retomar o conceito central da obra de Frankl: as vias concretas de realização do sentido da vida, por meio dos valores criativos, vivenciais e de atitude, que oferecem caminhos possíveis para responder, de modo ético e responsável, às interpelações da existência.

Nesse sentido, a escola assume um papel fundamental na orientação existencial dos estudantes. A educação, sob a perspectiva da LAE, não deve restringir-se à transmissão de conteúdos curriculares, mas promover uma formação integral, que auxilie os educandos a refletirem sobre o sentido de suas escolhas, ações e projetos de vida (Miguez, 2019).

Pautados na LAE, podemos defender uma compreensão da educação como processo orientado pelo sentido, no qual a formação humana não se limita à adaptação às normas vigentes ou ao desenvolvimento de competências instrumentais, mas se volta ao cultivo da liberdade, da responsabilidade e da autotranscendência. Nessa perspectiva, educar significa reconhecer o educando não apenas pelo que ele já é – suas habilidades, limitações, desempenhos e histórias –, mas, sobretudo, pelo que pode vir a ser, considerando suas possibilidades de crescimento existencial. Trata-se de uma educação que se movimenta permanentemente entre o “ser” e o “dever-ser”, compreendendo a formação como um processo inacabado, dinâmico e aberto ao futuro (Miguez, 2019; Santos; Santos, 2024).

Esse movimento é conceituado por Frankl como noodinâmica, isto é, a tensão saudável entre a realidade atual do sujeito e as possibilidades de sentido que o convocam. Diferentemente de concepções que associam saúde mental à ausência de conflitos ou tensões, Frankl afirma que o ser humano necessita de uma certa tensão existencial para se manter saudável, pois é justamente essa tensão que o impulsiona à realização de sentidos. Assim, a noodinâmica não representa um desequilíbrio patológico, mas uma condição essencial da vida humana, uma vez que sustenta o engajamento do sujeito com valores, projetos e responsabilidades (Moco; Silva; Campos, 2023).

No campo educacional, essa compreensão desafia práticas pedagógicas excessivamente protetoras ou normalizadoras, que buscam eliminar toda forma de desconforto, frustração ou questionamento. Uma educação orientada pelo sentido reconhece que o enfrentamento de desafios, dúvidas e escolhas faz parte do processo formativo e pode favorecer o amadurecimento ético e existencial do educando. Ao invés de suprimir a tensão entre o que o estudante é e aquilo que pode se tornar, o educador é chamado a mediá-la pedagogicamente, criando condições para que o sujeito se perceba capaz de responder às exigências da vida de forma consciente e responsável.

Nesse sentido, a LAE oferece importantes contribuições ao afirmar que a educação não deve preencher o educando com respostas prontas, mas despertar nele a capacidade de perguntar, de assumir

posicionamentos e de comprometer-se com valores. O reconhecimento do educando como sujeito de possibilidades implica uma postura pedagógica que confia em sua capacidade de autotranscendência, isto é, de ir além de si mesmo em direção a algo ou alguém que dê sentido à sua existência. Tal abordagem fortalece a saúde mental, pois favorece a construção de projetos de vida ancorados em valores e não apenas em expectativas externas ou padrões de sucesso impostos (Lukas, 1987; Miguez, 2019; Santos; Santos, 2024).

Assim, a noção de noodinâmica recoloca a educação como espaço privilegiado de formação integral, no qual a tensão entre o “ser” e o “dever-ser” não é vista como obstáculo, mas como motor do desenvolvimento humano. Ao assumir essa perspectiva, a educação orientada pelo sentido contribui para a formação de sujeitos mais conscientes, responsáveis e comprometidos com a própria vida e com a vida coletiva, reafirmando seu papel ético e humanizador em contextos marcados pela crise de sentido e pelo sofrimento existencial.

Em uma sociedade marcada pelo consumismo, pela competitividade e pela redução do valor da educação ao êxito econômico, a LAE apresentam-se como uma alternativa crítica e humanizadora. Sung (2006) alerta que a lógica capitalista tende a esvaziar o sentido da educação, orientando-a exclusivamente para o mercado de trabalho e a acumulação de bens materiais, o que pode gerar frustração e alienação existencial. Diante desse cenário, a educação inspirada na LAE, conhecida como Logoeducação, busca resgatar a centralidade dos valores, da ética e da responsabilidade social, promovendo uma formação que estimule o educando a ir além de si mesmo, reconhecendo-se como sujeito histórico, relacional e comprometido com a transformação da realidade (Silva, 2017).

Cabe ressaltar que não compete ao professor determinar qual é o sentido da vida do educando, uma vez que essa construção é pessoal e situada. O papel do educador consiste em criar condições pedagógicas que favoreçam a reflexão, o diálogo e a tomada consciente de decisões, auxiliando o estudante a descobrir sentidos possíveis em sua própria trajetória (Frankl, 1987). Assim, a LAE oferecem relevantes contribuições para a educação contemporânea ao enfatizar a formação integral do sujeito, a promoção da saúde mental e a construção de uma prática educativa orientada para o sentido, responsabilidade e valores humanos fundamentais.

Resultados e discussões

No contexto educacional contemporâneo, é recorrente o relato de professores acerca da diminuição do interesse e do engajamento dos estudantes, sobretudo na adolescência. Tal desmotivação repercute negativamente no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as atividades escolares passam a ser

percebidas apenas como obrigações formais, desprovidas de sentido existencial, restringindo-se ao cumprimento de exigências institucionais, como a aprovação escolar (Barbosa, 2020).

Visando o alcance do objetivo deste artigo, o quadro apresentado sistematiza as três principais contribuições da LAE para a educação, evidenciando como o sentido da vida pode constituir-se em eixo estruturante do processo formativo de crianças em escolarização. Ao organizar essas contribuições em torno da educação orientada pelo sentido, da formação para a liberdade responsável e da educação integral voltada à autotranscendência, o quadro explicita que a LAE não se limitam a uma abordagem clínica e antropológica, mas oferecem fundamentos teóricos e éticos consistentes para repensar a motivação, a aprendizagem e a formação humana no contexto escolar.

Quadro: Principais Contribuições da LAE para a Educação.

Contribuições da LAE	Descrição no Processo Formativo	Autores de Referência
Educação orientada pelo sentido da vida	A LAE compreendem que o ser humano é movido pela vontade de sentido, o que exige que o processo educativo ajude crianças e jovens a perceberem o “para quê aprender”. A escola deve oferecer referências que possibilitem atribuir sentido às aprendizagens, superando a visão utilitarista e instrumental do conhecimento.	Frankl (1987); Filho e Lira (2022); Barbosa (2020)
Formação para a liberdade responsável e noodinâmica	A LAE destacam a noodinâmica como tensão saudável entre o que o educando já é e aquilo que pode vir a ser. Essa tensão favorece o desenvolvimento humano e a saúde mental, estimulando escolhas conscientes, responsabilidade e posicionamento ético diante da vida.	Frankl (1987); Aquino (2020); Moco, Silva e Campos (2023)
Educação integral e autotranscendência	A LAE propõem uma educação integral, contemplando as dimensões biológica, psíquica e espiritual do ser humano. A autotranscendência orienta a formação para valores, projetos de vida e compromisso ético com o outro e com a sociedade.	Frankl (1987); Aquino (2020); Coser et al. (2024)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A análise do quadro evidencia que a primeira contribuição da LAE reside na centralidade do sentido da vida no processo educativo. Os resultados indicam que, quando o estudante consegue encontrar sentido nas experiências escolares, a aprendizagem deixa de ser percebida apenas como uma exigência externa e passa a integrar seu projeto existencial. Nessa perspectiva, a motivação assume um caráter predominantemente intrínseco, favorecendo o engajamento, a autonomia e a construção da identidade. Essa compreensão dialoga diretamente com Frankl (2011), ao afirmar que a principal motivação do ser humano não é a busca do prazer ou do poder, mas a busca de sentido, o que implica reconhecer a escola como espaço privilegiado para a descoberta progressiva desse sentido. Assim, a formação integral fortalece-se ao contemplar, para além da dimensão cognitiva, aspectos emocionais, éticos, sociais e existenciais do sujeito.

A segunda contribuição refere-se à formação para a liberdade responsável, sustentada pelo conceito de noodinâmica. O quadro evidencia que a LAE compreendem o desenvolvimento humano como resultado de uma tensão saudável entre o que o educando já é e aquilo que pode vir a ser. Essa tensão, longe de ser

patológica, impulsiona o crescimento pessoal e a saúde mental, ao estimular escolhas conscientes e posicionamentos éticos diante da vida. Conforme destaca Frankl (2013), a liberdade humana está indissociavelmente ligada à responsabilidade, tendo em vista que ser livre não significa estar isento de responsabilidades, mas ser capaz de responder às exigências da vida. No contexto educacional, essa compreensão desloca a prática pedagógica de uma lógica meramente normativa para uma formação que reconhece o estudante como sujeito de decisões, capaz de refletir sobre as consequências de seus atos.

Por fim, o quadro evidencia a educação integral e a autotranscendência como contribuições centrais da LAE para a escola contemporânea. Em contraposição a modelos pedagógicos tecnicistas e fragmentados, a abordagem aqui defendida propõe uma formação que contempla o ser humano em suas dimensões biológica, psíquica e espiritual, reafirmando a dignidade da pessoa como valor fundamental. A autotranscendência, compreendida como a capacidade de voltar-se para além de si mesmo, em direção ao outro e a uma causa, revela-se elemento essencial do processo formativo. Para Frankl (2011), o sentido da vida se realiza por meio de valores de criação, vivência e atitude, o que reforça a importância da educação para valores como solidariedade, respeito, justiça e compromisso social. Dessa forma, a educação inspirada na LAE assume um caráter profundamente humanizador, ao formar sujeitos críticos, éticos e socialmente comprometidos, capazes de encontrar sentido em sua existência e em sua atuação no mundo.

Considerações finais

Diante do exposto, evidencia-se a relevância de uma educação que motive os educandos a perseverarem em sua trajetória formativa, capaz de revelar a finalidade do ato de estudar, uma vez que, sem um propósito, não há movimento nem engajamento. Nesse sentido, compreender que a educação é permeada por sentido(s) possibilita ao educando construir uma orientação existencial, delineando caminhos e projetos de vida. O processo educacional, portanto, possui a capacidade de acompanhar homens e mulheres em seu percurso formativo, no qual, por meio de reflexões e escolhas conscientes, ocorrem transformações significativas que contribuem para a humanização do sujeito.

Assim, torna-se imprescindível uma educação voltada para a humanização, para o desenvolvimento da responsabilidade consigo mesmo e com o mundo ao seu redor, compreendendo-se como partícipe ativo dos processos de transformação social. Tal compreensão se faz necessária, pois o ser humano não nasce acabado, mas se constitui ao longo de experiências formativas que favorecem a construção de suas potencialidades e possibilidades. Nessa perspectiva, a educação deve caminhar ao lado dos educandos, dialogando com os contextos sociais, culturais e históricos que os cercam.

Cabe destacar que esse processo formativo é marcado por erros e acertos, sendo fundamental garantir aos sujeitos o direito de errar e de redirecionar o curso de suas vidas, fortalecendo a autonomia e a

capacidade de ressignificação das experiências. No que se refere ao sentido da vida, especialmente no contexto juvenil, observa-se que muitos jovens ainda se encontram em processo de busca e definição de sua orientação existencial, demandando o apoio e a mediação dos grupos sociais que os cercam, com destaque para a família e a escola.

Diante disso, aponta-se a necessidade de futuras pesquisas que aprofundem a relação entre educação, sentido da vida e processos de humanização, especialmente no contexto escolar, investigando práticas pedagógicas, políticas educacionais e estratégias formativas que favoreçam a descoberta de sentido pelos educandos. Tais estudos podem contribuir para o fortalecimento de uma educação comprometida não apenas com a transmissão de conteúdos, mas com a formação integral do sujeito, promovendo o desenvolvimento pessoal, social e existencial ao longo da vida.

Referências

AQUINO, T. A. A. A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl e suas implicações sociopolíticas. REVER - **Revista de Estudos Da Religião**, 19(3), 267–277, 2020. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a16>

AQUINO, T. A. A. et al. Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Logos & Existência**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45–65, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/22840/13068>. Acesso em: 18 jun. 2022.

AQUINO, S. C.; PENNA, M. Princípios da Logoterapia de Viktor Frankl: motivações e busca do sentido da vida no contexto da Educação Musical. In: **Congresso da ANPPOM**, 26., 2016, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANPPOM, 2016. p. 1–8. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/paper/viewFile/4309/1367>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BARBOSA, A. H. **O aprendizado do adolescente no contexto escolar**: implicações para a formação docente. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68931>>. Acesso em: 18/01/2026 10:12

BOFF, C. “Sentido da vida”: que significa isso? In: BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**: crise e busca de sentido hoje. São Paulo: Paulus, 2014. cap. 1, p. 11–62.

CÓSER, M. M. et al. Logoterapia e Educação Um recorte do sistema educacional brasileiro atual, críticas e possibilidades. EDUCAFOCO – **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, São Paulo - SP, v.5 n.2, jan./dez. de 2024.

DOURADO, E. T. S. et al. **Fundamentos antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial**. In: DAMÁSIO, Bruno Silva; SILVA, Bárbara Dantas; AQUINO, Thiago Antonio Avellar (org.). Logoterapia e Educação: fundamentos e prática. São Paulo: Paulus, 2010. cap. 1, p. 13–52.

FILHO, G. E. De V. LIRA, A. A. D. **Sentido da vida e educação:** contribuições e aproximações da logoterapia. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88485>>. Acesso em: 18/01/2026 10:15

FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Tradução de Renato Bittencourt. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre: Sulina, 1987. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em_Busca_de_Sentido_-_Viktor_Frankl.pdf. Acesso em: 18 jun. 2022.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUKAS, E. **Mentalização e saúde.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MIGUEZ, E. M. **Educação em Viktor Frankl:** entre o vazio existencial e o sentido da vida. Brazil Publishing. 2019.

MOCO, R.; SILVA, C. M. da; CAMPOS, L. A. M. Relação entre o conceito de autotranscendência e voluntariado aplicados ao processo educacional. **RECIMA21 – Revista Científica**, v. 4, n. 7, p. e473586, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i7.3586. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/3586>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SANTOS, V. C. B. dos; SANTOS, D. M. B. dos. Saberes docentes para uma pedagogia do sentido na vida. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 105, p. e5831, 2024.

SILVA, B. D. Relações de ensino-aprendizagem na perspectiva da Logoterapia: a contribuição de Viktor Frankl para a Educação. **Logos & Existência**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 79–94, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/31874/20096>. Acesso em: 18 jun. 2022.